

# Uma breve análise da redescoberta da experiência antiga em

**PIERRE HADOT**

E

**MICHEL FOUCAULT**

LORRAYNE COLARES

Como bem observa Pierre Hadot nos textos *Um diálogo interrompido com Michel Foucault: Convergências e Divergências e Reflexões Sobre a Cultura de Si*, ambos presentes no recém-traduzido para o português *Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga* (2014), muitos são os encontros e os desencontros passíveis de análise entre seus escritos e os de Michel Foucault. O presente artigo se deterá sobre uma das convergências entre o pensamento de ambos, a dizer, sobre a questão da importância da redescoberta da experiência antiga para a construção de uma nova possibilidade ética existencial na contemporaneidade.

No debate acerca da subjetividade, da ontologia do presente, da estética da existência e do cuidado de si, Foucault desenvolve todo um programa, infelizmente inacabado, de genealogia da ética. Tal genealogia seria um estudo da proveniência e da origem que identifica o

lugar em que se deu um conflito e uma ruptura que ainda exerce efeitos no nosso presente. A escolha por uma genealogia, e não por um sistema ético, se dá devido ao fato de Foucault não possuir um sistema ético no sentido tradicional instituído pela história da filosofia, mas sim procurar identificar o surgimento do sujeito moral através de uma história das problematizações, dos discursos, das experiências e dos códigos.

No último Foucault, o Foucault essencialmente ético, percebemos em sua obra uma reorganização em torno de estudos sobre a Antiguidade grega, estudos esses voltados para o que seriam as assim chamadas práticas de si, práticas essas que são claramente uma referência à tese hadotiana dos exercícios espirituais. Foucault se volta pra Antiguidade, pois procura não por “um sujeito soberano, fundador, uma forma universal de sujeito que poderíamos

encontrar em todos os lugares” (FOUCAULT, 2010, p. 291) e, sendo assim, ele critica todas as formas de filosofias antropologizantes, que defendem uma espécie de ontologia do sujeito. Sua noção de sujeito é histórica, e não constituída. Foucault entende a ética como um modo pelo qual o indivíduo relaciona-se consigo mesmo, enquanto sujeito de suas próprias ações e, sendo assim, ele procura conceber uma ética através da qual o indivíduo possa criar-se como obra de si mesmo, ele via a ética como uma atitude ética que visa transformar a relação consigo mesmo em uma obra de arte. Vale ressaltar, portanto, que seu projeto não é apenas o de uma virada ética, mas também estética, na medida em que ele está focado na possibilidade de uma diversidade de existências estéticas, ou seja, ele está interessado nas características plurais, variáveis e multiformes das relações sociais humanas.

Ele, então, justifica sua escolha pelo estudo da Antiguidade greco-romana por três motivos: i) o fato de que “na ética grega as pessoas estavam preocupadas com a sua conduta moral, sua ética, suas relações consigo mesmas e com os outros muito mais do que com os problemas religiosos” (FOUCAULT, 1995, p. 255); ii) o fato de que “a ética não se relacionava a nenhum sistema social institucional – nem sequer a nenhum aspecto legal” (FOUCAULT, 1995, p. 255); iii) o fato de que “a sua preocupação, seu tema, era constituir um tipo de ética que fosse uma estética da existência” (FOUCAULT, 1995, p. 255).

Com o estudo da *estética/artes da existência* ou *práticas/técnicas de si* na Antiguidade, Foucault pretende mostrar como a sexualidade era problematizada e, em contrapartida, analisar como esse tipo de prática foi aos poucos sendo substituída por um código moral. Foucault defende a tese da apropriação gradual dos exercícios antigos pelo cristianismo e reconhece que o tema do cuidado de si passa por uma inflexão radical do cristianismo, e, sendo assim,

ele afirma que “o cuidado de si teve um alcance positivo e afirmativo durante a Antiguidade, uma atitude que seria logo revertida pelas premissas do cristianismo” (DESROCHES, 2011, p. 13, tradução nossa). Foucault estudou profundamente os gregos e latinos, devido ao fato da Antiguidade ser caracterizada pela busca de uma ética pessoal nos mais diversos estilos que possibilitava ao sujeito constituir-se de um modo livre dos atuais mecanismos disciplinares, e não por uma moral como obediência a um sistema de regras, como acontece após o cristianismo, pois este gerou um código de ética fundamentalmente diferente daquele do mundo antigo:

*Com o cristianismo, vimos se inaugurar lentamente, progressivamente, uma mudança em relação às morais antigas, que eram essencialmente uma prática, um estilo de liberdade. Naturalmente, havia também certas normas de comportamento que regravam a conduta de cada um. Porém, na Antiguidade, a vontade de ser um sujeito moral, a busca de uma ética da existência eram principalmente um esforço para afirmar a sua liberdade e para dar à sua própria vida uma certa forma na qual era possível se reconhecer, ser reconhecido pelos outros e na qual a própria posteridade podia encontrar um exemplo. Quanto a essa elaboração de sua própria vida como uma obra de arte pessoal, creio que, embora obedecesse a cânones coletivos, ela estava no centro da experiência moral, da vontade de moral na Antiguidade, ao passo que, no cristianismo, com a religião do texto, a ideia de uma vontade de Deus, o princípio de uma obediência, a moral assumia muito mais a forma de um código de regras (FOUCAULT, 2010, p. 290).*

Para Foucault, na contemporaneidade, esse tipo de moral descendente do cristianismo “está desaparecendo, já desapareceu. E a esta ausência de moral corresponde, deve corresponder uma busca que é aquela de uma estética da existência”

(FOUCAULT, 2010, p. 290). Ele acredita que o problema ético da contemporaneidade é, de certa forma, semelhante ao da Antiguidade, pois:

*a maior parte das pessoas não acredita mais que a ética esteja fundada na religião, nem deseja um sistema legal para intervir em nossa vida moral, pessoal e privada. Os recentes movimentos de liberação sofrem com o fato de não poderem encontrar nenhum princípio que sirva de base à elaboração de uma nova ética. Eles necessitam de uma ética, porém não conseguem encontrar outra senão aquela fundada no dito conhecimento científico do que é o eu, do que é o desejo, do que é o inconsciente, etc. Eu estou surpreso com esta similaridade dos problemas* (FOUCAULT, 1995, p. 255).

Entretanto, o que Foucault faz é apresentar a *estética da existência* como uma forma de repensar a ética da contemporaneidade, mas sem propor um retorno aos gregos ou enfatizar o mito da Antiguidade enquanto uma idade de ouro na história da humanidade, apesar de seus vastos estudos e incursões por esse período. O próprio Foucault afirma que não se trata de uma alternativa e que não acredita que a solução dos impasses éticos atuais se encontre no estudo da Antiguidade, ou seja, ele defende que:

*não se pode encontrar a solução de um problema na solução de um outro problema levantado num outro momento por outras pessoas. Veja bem, o que eu quero fazer não é a história das soluções, e esta é a razão pela qual eu não aceito a palavra 'alternativa'. Eu gostaria de fazer a genealogia dos problemas, das problematizações* (FOUCAULT, 1995, p. 256).

O que Foucault está defendendo é que podemos “ver claramente que alguns dos principais princípios de nossa ética foram relacionados, num certo momento, a uma estética da exis-

tência” (FOUCAULT, 1995, p. 261) e que esse tipo de análise histórica da ética grega pode ser útil, mas não é uma resposta; ela pode apenas servir para inspirar um olhar crítico e uma ação transformadora ante a dificuldade de instituir princípios de uma nova ética.

Apesar de seus vastos estudos sobre a Antiguidade, Foucault estava preocupado com um problema atual. O plano de fundo da crítica de Foucault se concentra na questão da crise ética na contemporaneidade, que faz parecer com que seja impossível fundamentar hoje uma nova, única e norteadora moral e a sua reflexão se encontra com os gregos e latinos na medida em que Foucault propõe que os caminhos para o delineamento de uma nova ética se daria através de parâmetros estéticos e, por isso mesmo, mais plurais. Foucault está defendendo a necessidade da existência de uma nova ética, uma ética pessoal que nos liberte do “elo analítico ou necessário entre a ética e as outras estruturas sociais ou econômicas ou políticas” (FOUCAULT, 1995, p. 261) e que nos livre da associação da arte “apenas a objetos e não a indivíduos ou à vida” (FOUCAULT, 1995, p. 261). Daí não se segue que Foucault tenha nos oferecido um sistema ético que cumpra essa função, mas que ele apontou os caminhos para uma ética que defenderia que devemos viver nossa própria vida como se esta fosse uma obra de arte e, é a partir disso, que devemos pensar com e a partir de Foucault e com e partir dos gregos.

\* \* \*

Por outro lado, em Pierre Hadot, filósofo e historiador da filosofia contemporâneo e crítico de Foucault, e que, além disso, com sua tese da filosofia como modo de vida e prática de exercícios espirituais inspirou o pensamento foucaultiano, encontramos uma importante reflexão sobre uma possível alternativa de modelo ético existencial que o homem contemporâneo pudesse

redescobrir na experiência da Antiguidade. Em toda sua obra, Hadot insiste na distinção entre o que seria a filosofia praticada enquanto ação viva e o discurso filosófico na Antiguidade, para ele “os historiadores modernos não cessam, pois, de deplorar as imperícias de exposição, as falhas de composição que se encontram em suas obras” (HADOT, 2014, p. 334), e que, além disso, existe um duplo anacronismo ao “cremos que, como muitas obras modernas, elas são destinadas a comunicar informações referentes a um conteúdo conceitual determinado e que podemos também tirar diretamente delas informações claras sobre o pensamento e a psicologia de seus autores” (HADOT, 2014, p. 16). O autor afirma, então, seu espanto diante dessas críticas, pois, para ele, existia uma universalidade e constância nesse fenômeno, e tal leitura só devia ser possível devido ao fato desses estudiosos considerarem mais os elementos proposicionais desses discursos do que o contexto vivo no qual a filosofia antiga se encontrava, por ignorarem que a filosofia antiga é, antes de tudo, um exercício psicagógico e formativo, ou seja, seu objetivo era o de formar almas. O erro desses estudiosos é o de não levarem em consideração que na Antiguidade a filosofia era, sobretudo, um modo de vida, prática de certos exercícios espirituais, terapêutica e visava uma transformação completa da maneira de viver do indivíduo.

Ao falar sobre os exercícios espirituais, Hadot revolucionou a interpretação da experiência filosófica da Antiguidade, mas seu pensamento também se dá em relação à filosofia moderna e contemporânea. Pierre Hadot, em sua crítica à estética da existência foucaultiana, propôs, em contrapartida, a possibilidade de o homem contemporâneo viver, não a sabedoria, pois esta está num âmbito ideal e não necessariamente passível de ser alcançado, mas um exercício da sabedoria, enquanto um esforço de ultrapassar-se a si mesmo. Com isso, Hadot pretende que possamos praticar os exercícios filosóficos da

Antiguidade independentemente dos discursos aos quais eles eram atrelados, desde que mergulhados na totalidade do cosmos. Para Hadot, “não é necessário crer na Natureza ou na Razão universais dos estoicos para praticar esses exercícios, mas, ao praticá-los, vive-se concretamente segundo a razão [...], chega-se concretamente à universalidade da perspectiva cósmica, à presença maravilhosa e misteriosa do universo.” (HADOT, 2014, p. 299). Ou seja, ele defende a possibilidade de revivermos esses exercícios espirituais hoje, pois eles não precisariam estar necessariamente ligados aos discursos teóricos de suas épocas, que existiria, por exemplo, um estoicismo universal, assim como para as outras escolas, enquanto uma atitude sempre possível, sempre aberta, que consistiria em uma ascese e terapêutica através da prática desses exercícios e que levaria a uma completa transformação de si através do caminho da sabedoria, da norma transcendente que deve dirigir a nossa ação. Como afirma Desroches (2011, p. 2), o que Hadot defende com o conceito de filosofia como modo de vida é que esse termo não se refere a nenhuma escola particular de pensamento, mas que descreve algo que pertence a todos e, assim, denota um fenômeno cultural complexo na origem do que chamamos de filosofia.

Hadot assume que no mundo atual o indivíduo se perdeu e se isolou e que a natureza se transformou no mero meio-ambiente do homem, e é nesse cenário que ele afirma que existe uma clara distinção entre o mundo que percebemos e o mundo irrepresentável da ciência moderna. Ele recorre à fenomenologia de Husserl e Merleau-Ponty e defende que o mundo da ciência, apesar de transformar diversos aspectos de nossas vidas, não pode transformar nossa percepção do mundo. Segundo ele, mesmo para um astrônomo “o sol se levanta e se põe e a terra é imóvel” (HADOT, 2014, p. 314). E, é nessa configuração, que Hadot, assim como o

fenomenólogo Merleau-Ponty, define a filosofia como o movimento de reaprender a ver o mundo. Ver o mundo a partir de uma percepção filosófica, da mesma forma que ver o mundo a partir de uma visão científica, diverge com uma percepção habitual das coisas. A diferença se situa no fato da ciência eliminar a percepção, enquanto, para ele, o papel da filosofia seria o de aprofundar e transformar a nossa percepção, “fazendo-nos tomar consciência do próprio fato de que percebemos o mundo e de que o mundo é o que percebemos” (HADOT, 2014, p. 315).

Ele defende que precisamos mudar a nossa relação para com o mundo, que tenhamos tanto percepções filosóficas quanto estéticas dele. O fato de Hadot, nesse momento, tratar as percepções estéticas do mundo como modelos das percepções filosóficas parece propor que os filósofos sejam desapegados, mais desinteressados, assim com os artistas de Bergson: aqueles que veem a coisa por ela mesma, afinal a própria arte se justifica por ela mesma. Essa experiência atual seria possível, pois, como Hadot conjectura através de sua interpretação de Lucrécio, mesmo na Antiguidade o homem “não tinha consciência de viver no mundo, não tinha tempo de observar o mundo e que os filósofos sentiam fortemente o paradoxo e o escândalo dessa condição do homem que vive no mundo sem perceber o mundo” (HADOT, 2014, p. 321). Logo, para ele, não é o caráter irrepresentável do universo da ciência moderna que nos separa do mundo, pois mesmo os antigos, que não conheciam a ciência moderna e nem as inúmeras revoluções industriais, não observavam o mundo da maneira da mesma maneira consciente que o filósofo o pretendia fazer. Esta não é uma característica negativa da atualidade, mas sim da condição humana. A visão de Hadot, então, nos remete ao fato de que:

*O obstáculo à percepção do mundo não se situa, portanto, na modernidade, mas no próprio*

*homem. O homem deve se separar do mundo enquanto mundo para poder viver sua vida quotidiana e deve se separar do mundo ‘cotidiano’ para reencontrar o mundo enquanto mundo (HADOT, 2014, p. 322).*

Segundo sua maneira de ver a filosofia, é preciso que vivamos “um exercício, sempre frágil, sempre renovado, de sabedoria. E [...] esse exercício da sabedoria pode e deve visar a realizar uma reinserção do eu no mundo e no universal.” (HADOT, 2014, p. 314). E, seria nesse exercício de reinserção do eu no mundo e no universal, que a experiência antiga e a experiência moderna se reencontrariam na elaboração de uma nova proposta de ética. Pierre Hadot está assim propondo uma suposta permanência da experiência filosófica da tradição antiga em nós. Para ele, a noção de exercício espiritual que existia nessa tradição está viva na consciência contemporânea e é um fenômeno com consequências importantes para compreensão da filosofia, e ele afirma que em consonância com G. Friedmann, o seu:

*presente estudo não gostaria de somente relembrar a existência de exercícios espirituais na Antiguidade greco-latina, ele gostaria, sobretudo, de especificar todo o alcance e a importância desse fenômeno e mostrar as consequências que dele decorrem para a compreensão do pensamento antigo e da própria filosofia (HADOT, 2014, p. 21).*

Por fim, Hadot também ressalta, assim como o faz Foucault inúmeras vezes com a sua *ontologia do presente*, que não pretende solucionar definitivamente os problemas filosóficos de seu tempo, mas que certas concepções da filosofia antiga lhe parecem manter um valor sempre atual e, sendo assim, devemos revisitá-las e aprender com a nossa herança existencial.



\* \* \*

A crítica de Hadot à Foucault a respeito dessa releitura da filosofia antiga é, sobretudo, fruto de uma diferença interpretativa e metodológica. Hadot diverge quanto ao uso da palavra ‘estética’, no conceito de estética da existência; diverge quanto ao momento em que a filosofia deixou de ser vivida como um trabalho de si sobre si; sobre a questão do prazer; da escrita de si e, sobretudo, sobre a questão da universalidade do exercício filosófico, pois Hadot acredita que Foucault ignore a questão do ultrapassamento de si e busca pela sabedoria enquanto finalidade máxima dessas práticas. Segundo sua teoria, os exercícios espirituais conduzem “a dois movimentos de tomada de consciência de si: concentração e dilatação do eu” (HADOT, 2011, p. 273) e Foucault teria se concentrado apenas nesse primeiro movimento. Sendo assim, para o autor, o projeto ético proposto por Foucault ao homem contemporâneo através da sua estética da existência, parece-lhe demasiadamente estreito e não dar conta da dimensão cósmica inerente à sabedoria. Hadot afirma que “M. Foucault propõe uma cultura de si muito puramente estética, isto é, temo, uma nova forma de dandismo, versão final do século XX” (HADOT, 2014, p. 298) e, por esse motivo, Foucault, recairia sobre uma estetização do eu que é demasiadamente concentrada no sujeito.

Quanto à validade das críticas hadotianas, cabe ressaltar que o temor de Hadot não é injustificado e consiste no fato de que “cultura de si, sem vínculos com valores universais, pode tornar-se uma questão de preferência de um ou de poucos, mas nunca recomendação moral para todos” (COSTA, 1995, p. 124). O próprio Foucault (1998, p. 12) reconheceu os riscos engendrados pelo seu desvio metodológico,

e chegou a mencionar que um dos maiores perigos enfrentados por ele era abordar documentos por ele mal conhecidos e submetê-los, sem perceber, “a formas de análise ou modos de questionamentos que, vindos de outros lugares, não lhes convinham” (FOUCAULT, 1998, p. 12). Em uma nota, Foucault se defende ao afirmar que:

*Não sou nem helenista nem latinista. Mas me pareceu que, com bastante cuidado, paciência, modéstia e atenção, era possível adquirir familiaridade suficiente com os textos da Antiguidade grega e romana: quero dizer essa familiaridade que permita, de acordo com uma prática sem dúvida constitutiva da filosofia ocidental, interrogar, ao mesmo tempo, a diferença que nos mantém à distância de um pensamento em que reconhecemos a origem do nosso, e a proximidade que permanece a despeito desse distanciamento que nós aprofundamos sem cessar (FOUCAULT, 1998, p. 12).*

Já para A. Davidson, o que Foucault entende pelo conceito *cultura de si* na Antiguidade tardia é sim demasiado estreito, contudo o erro de Foucault estaria num “defeito de interpretação, e não de conceituação” (DAVIDSON, 2005, p. 130, tradução nossa). Ele defende que o conceito de ética desenvolvido por Foucault como uma espécie de cuidado de si, apesar das inúmeras críticas, nos provê um quadro muito amplo e profundo e nos permite refletir sobre inúmeros aspectos do pensamento antigo. E, mais, Davidson sugere que se a interpretação de Foucault parece cair numa espécie de “estetização do eu, a interpretação de Hadot insiste numa divinização do eu” (DAVIDSON, 2005, p. 139, tradução nossa).

■ **Contextura**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade II: O uso dos prazeres*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Ditos & Escritos V: Ética, sexualidade, política*. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- \_\_\_\_\_. “Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho”. In: DREYFUS, H; RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1995. pp. 253 – 278.
- HADOT, P. *Exercícios espirituais e filosofia antiga*. Tradução de F. Loque e L. Oliveira. São Paulo: É Realizações, 2014.
- \_\_\_\_\_. *O que é a filosofia antiga?*. Edições Loyola, São Paulo, 5º edição, 2011.
- COSTA, J. F. “O sujeito em Foucault: estética da existência ou experimento moral?”. *Tempo Social*. Revista de Sociologia da USP. São Paulo, 7 (1-2), out. 1995, pp. 121 – 138.
- DAVIDSON, A. I. “Ethics as Ascetics: Foucault, the History of Ethics, and Ancient Thought”. In: GUTTING, G. (ed.). *The Cambridge Companion to Foucault*. New York: Cambridge University Press, 2005. pp. 123 – 148.
- DESROCHES, D. “La philosophie comme mode de vie chez Pierre Hadot”. *Encyclopédie de l’Agora*, Grandes questions, Dossier thématique, première version: juillet, 2011, 1 – 28.